



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**COSTURANDO INFÂNCIAS: O DIFÍCIL MUNDO DAS CRIANÇAS  
EM SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE**

**Vanessa Lopes Garcia**

**Santa Maria, RS.**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Sinto muita alegria de chegar ao término desta etapa e especialmente de ter podido contar com pessoas especiais que contribuíram com a minha caminhada.

Declaro aqui meus agradecimentos.

Primeiramente a Deus, pela vida, pelas pessoas que fazem parte dela, pela luz e força para superar os desafios.

A minha família, que foi minha base durante toda a minha vida, meu pai José Roberto, minha mãe Leoni, minha irmã Viviane, que por diversas vezes me auxiliaram e me fortaleceram, motivando-me a não desistir dos meus objetivos.

Meu companheiro de todos os dias Michel, por estar presente na minha vida, em especial durante o meu processo de graduação. Agradeço a compreensão pelos dias que estive ausente me dedicando as tarefas da graduação.

Ao meu irmão de coração que a vida me presenteou Valmer, por se fazer presente durante minhas reflexões sobre o tema deste trabalho, e por compartilhar dos seus saberes e por sua acolhida com muito afeto durante o Curso.

A minha querida orientadora Taciana que foi uma luz, durante a minha trajetória acadêmica, na qual tenho muita admiração e inspiração. Sou grata pelo apoio e dedicação, como uma mãe, que cria condições e possibilidades para o desenvolvimento dos filhos. Agradeço especialmente por ser a base e o suporte em diversos momentos, principalmente pelo empoderamento que tem me fortalecido todos os dias.

Enfim, aos amigos e aqueles que cruzaram comigo durante meu processo acadêmico e que de certa forma deixaram suas contribuições, fica minha gratidão. Pois “aqueles que passam por nós, não nos deixam sós, não vão sós, deixam um pouco de si, levam um pouco de nos.”

## Os Segundos

Cidadão Quem

Cada acorde em seu lugar  
Lembra um sorriso  
Mas não quero lembrar  
Que a noite vem caindo  
Trazendo o seu olhar  
Cada palavra que falei  
Lembra uma história  
Que eu nem mesmo sei  
Mas como vento  
Vem tão depressa  
E a verdade é bem mais forte  
Vou deixar que o destino mostre  
A direção  
Foi pouco tempo  
Mas valeu  
Vivi cada segundo  
Quero o tempo que passou  
Foi pouco tempo  
Mas valeu  
Vivi cada segundo  
Quero o tempo que passou  
Cada palavra que falei  
Lembra uma história  
Que eu nem mesmo sei  
Mas como o vento  
Vem tão depressa  
A verdade é bem mais forte  
Vou deixar que o destino mostre  
A direção  
Foi pouco tempo  
Mas valeu  
Vivi cada segundo  
Quero o tempo que passou  
Foi pouco tempo  
Mas valeu  
Vivi cada segundo  
Quero o tempo que passou

# **COSTURANDO INFÂNCIAS: O DIFÍCIL MUNDO DAS CRIANÇAS EM SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE**

Autoria: Vanessa Lopes Garcia  
Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Taciana Camera Segat

## **RESUMO**

O presente artigo propõe fazer uma reflexão das acerca de durante o período de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, levando em consideração as diferentes situações de vulnerabilidade enfrentadas pelas crianças dentro e fora do contexto escolar. A prática de estágio foi vivenciada em 2018, mais precisamente, no período de agosto a novembro, em uma escola da rede municipal de Santa Maria, com crianças de 4 a 5 anos de idade, em uma turma de pré-escola. Teve como objetivo pesquisar sobre “Quais estratégias precisam ser viabilizadas no espaço de atuação na Educação Infantil para acolher os contextos das infâncias?” Durante este período que estive inserida na escola foram realizadas pesquisas bibliográficas em artigos e livros, buscando a fundamentação teórica, conhecimento, embasamento e entendimento dessas questões. Os resultados esperados fomentam as possibilidades de se pensar em estratégias que contemplam as mais diferentes infâncias, permitindo que as mesmas possam ser costuras umas às outras. Assim sendo, os diferentes mundos das crianças em situações de vulnerabilidade passam a ter visibilidade e se interligam através de um fio chamado infância. Concluiu-se que o papel do pedagogo ultrapassa as barreiras da sala de aula e que se torna indispensável para o mesmo estabelecer diferentes conexões, manter um olhar sensível, estabelecer vínculo afetivo e confiança através do carinho e da compreensão, proporcionando momentos significativos e agradáveis para ambas as partes, pois são estas vivências que se mantem vivas dentro de mim. Durante nossas brincadeiras despretensiosas pudemos fortalecer nossos laços e costurar lindas memórias.

**Palavras chave:** Vulnerabilidade, Crianças, estratégias pedagógicas.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado das minhas vivências durante o período de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, na qual busco problematizar e compreender quais são esses contextos de vulnerabilidade, nas quais as crianças transitam e vivem suas vidas a partir de discussões que tragam a tona o difícil mundo das crianças em situações de vulnerabilidade nestes lugares, destacados como contextos vulneráveis.

Essa temática acerca dos elementos que constituem os contextos em vulnerabilidade surgiu ao longo dos cinco anos de graduação. Foi a partir do estágio extracurricular realizado no Curso de Pedagogia Plena Noturno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que algumas situações me possibilitaram refletir sobre o que compreendemos por infância e os contextos nas quais ela se desenvolve. Hoje percebo que este tema me cercava há alguns anos, porém nunca havia se materializado com o objeto de estudo sistemático em minhas vivências acadêmicas, como período da prática proposta no estágio. Foi com um olhar mais atento e fundamentado em estudos teóricos que pude perceber que existem diferentes modos de se viver a infância, e a partir deste cenário pude olhar para tal realidade, com ajuda das crianças que mantive contato durante o período de estágio. Grande parte dessas crianças residentes da comunidade local, possuem uma infância que diverge em alguns pontos comparados com outras realidades, inclusive, dentro da mesma sala de aula existem diferentes infâncias que se entrelaçam em diversos momentos. Ressalto que não é minha intenção fazer qualquer tipo de comparação, mas sim trazer uma reflexão acerca das diversas infâncias que nos deparamos quando estamos inseridos dentro dos espaços educativos.

Durante o Curso de graduação surgiu a oportunidade de vivenciar a rotina da sala de aula. Foi então que me deparei atuando em uma Organização Não Governamental (ONG), a qual também era vinculada a uma escola de educação infantil.

Neste espaço de trabalho pude conhecer e compartilhar vivências nas quais as crianças eram desprivilegiadas de alguns elementos que eu acredito ser fundamental para manter a alegria, o bem-estar, a motivação. Todos estes elementos somados à ausência afetiva dos familiares faziam com que essas crianças fossem retiradas das suas famílias biológicas, dentre os motivos estão:

abuso sexual, exploração infantil, dependência química por parte dos pais, falta de recursos financeiros nas quais possibilitam uma perspectiva de lazer, respeito, dignidade, cidadania, direitos humanos, amparo social e reconhecimento dos sujeitos como indivíduos pertencentes a uma comunidade.

Hoje considero esta etapa vivida durante o Curso de pedagogia, uma das fases mais importantes da minha vida e sem dúvida uma das mais relevantes de minha formação, visto que, este foi meu primeiro contato com a sala de aula, e principalmente, meu primeiro encontro consciente com essa infância que hoje me move, comove e importa. Motivando e fortalecendo o meu desejo de compreender as diferentes infâncias.

Foi dentro deste espaço que a fantasia de uma escola perfeita, constituída por crianças com condições para se viver a infância possibilitando que todos estivessem no mesmo nível de escolarização, asseguradas de todos os direitos e igualdades foi se desfazendo aos poucos. Passei então, a me dar conta que a escola também é um espaço para formação de cidadãos e que pode ser além de pedagógica um ambiente para consolidar direitos e políticas públicas que contemplem as crianças e famílias que a ela frequentam.

Um conjunto de fatores fazia com que o papel de pedagoga fosse repensado, pois era imprescindível questionar e problematizar sobre aquele público que em sua grande maioria não era constituído por uma família tradicional construída historicamente, alguns inclusive eram frequentadores das chamadas “Casas Lares”, local onde as crianças que são retiradas das suas famílias biológicas pelo conselho Tutelar, residem com uma “mãe social” por tempo indeterminado até que sejam adotadas ou atinjam a maior idade. Essa mãe social desenvolvia o papel de uma mãe que cuidava das crianças que residiam naquele espaço, auxiliava na higiene pessoal, alimentação e sobretudo nos valores morais para um bom convívio social das crianças. Além do público das Casas Lares, a escola atendia também as crianças da comunidade, que por sua vez tratava-se de um bairro com muitas carências sociais.

É preciso olhar para as diferentes vidas amparadas por um único espaço, quanto isso pode ser enriquecedor ou problematizador. Algumas situações vivenciadas neste espaço me instigam a refletir em relação a qualidade e alcance das políticas públicas de assistências: Será que estão dando conta de garantir e amparar os direitos das crianças que se encontram em situações de

vulnerabilidade? Quais são essas políticas? Como as políticas públicas reverberam no contexto escolar?

Por dois anos e meio me confrontei com situações de extrema pobreza financeira, cujo as famílias necessitavam de auxílio do governo e doações em geral para garantir o alimento em sua mesa, situações de abandono familiar, de abuso sexual, vulnerabilidade afetiva, dentre outras situações vulneráveis em que aquelas crianças eram expostas. Em todos estes momentos a criança era tida como alvo de situação negligenciosa e vulnerável, são essas vivências que criam sentido dando forma, contorno e apresentação do contexto problemático da pesquisa, possibilitando a elaboração do meu problema: **Quais as estratégias os docentes encontram no espaço da Educação Infantil para acolher os diferentes contextos das infâncias.**

O desenvolvimento da escrita está dividido em três sessões, sendo que uma complementa a outra nos mais diferentes aspectos, onde busco entrelaçar minhas vivências com as referências teóricas estudadas. As sessões se baseiam na perspectiva da continuidade e da busca por novos saberes. Desta forma trago como objetivo geral: Compreender quais estratégias os docentes necessitam viabilizar no espaço da Educação Infantil para acolher os diferentes contextos de infâncias. Ainda tenciono promover reflexões acerca das diferentes infâncias em vulnerabilidade e sistematizar um conjunto de estratégias para acolher os diferentes contextos de infância.

## **COSTURANDO OS FIOS NA TRAMA DAS VULNERABILIDADES SOCIAL, AFETIVA E SOCIOECONÔMICA/FINANCEIRA**

Durante os dois anos e meio que trabalhei na Escola Cores & amores<sup>1</sup>, a mesma sempre buscou através das políticas públicas solucionar/amenizar as situações que as crianças enfrentavam, tais como pobreza, violência, negligência por parte dos familiares, dentre outras. Com objetivo de amparar as famílias e de dar um suporte assistencial a mesma direcionava/auxiliava as famílias de acordo com as necessidades de cada u<sup>1</sup>ma. Lembro-me, que certa vez uma das famílias acolhidas pela escola teve sua casa incendiada e a escola por sua vez mobilizou toda a comunidade para arrecadar doações a fim de

---

<sup>1</sup> Apresento o nome fictício da escola como Escola Cores & amores

auxiliá-los. Após este período em que me mantive inserida na escola, a mesma, por motivos burocráticos encerra suas atividades e eu me coloco em outros espaços, sempre em contato com realidades muito próximas destas que costumava conviver.

Início o texto apresentando meu primeiro trabalho que me pôs em contato com a infância que tanto me move. Como forma de dar a conhecer meus encontros com essas infâncias, buscando clarear alguns de meus entendimentos iniciei meu processo para estágio na Educação Infantil, e acabo por me aproximar de um local muito parecido com o que eu havia trabalhado anteriormente, me direciono para uma escola situada em um bairro bastante carente da cidade de Santa Maria. Neste processo de compreender tais questionamentos que me acompanhavam durante o decorrer do Curso de pedagogia, ressalto que um deles trata-se de como eu enquanto pedagoga posso auxiliar e fazer com que meu aluno consiga compreender as mediações feitas pelo professor e também conhecer as consequências da vulnerabilidade no desenvolvimento destes sujeitos.

O espaço já não era o mesmo, mas as crianças em sua mais pura essência eram apenas crianças, com sonhos, imaginações, criatividade e sobretudo muito carismáticas, alegres e envolventes. Percebo que por diversas vezes os adultos não respeitam as particularidades e singularidades de cada criança, querendo que todas se desenvolvam da mesma forma. Considerando que o pedagogo deve levar em conta a leitura de mundo das crianças, Paulo Freire nos diz que

Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de entender no mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista,



assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 1996, p.139)

Segundo o autor citado acima, penso que é necessário refletir acerca do respeito pelas vivências das crianças, pois acredito que há diversas formas de se viver a infância. Sobretudo me deparo novamente em um espaço de confronto com situações de vulnerabilidade, pobreza associada a descaso, de crianças sem o básico, em situações de extrema pobreza e principalmente crianças com fragilidades emocionais/afetivas muito acentuadas.

Eis que busco conhecer a realidade das mesmas e para minha surpresa, os meus questionamentos tornam-se ainda mais enfatizados. Neste momento do Curso as minhas noites sem sono geraram algumas dúvidas sobre a forma como estas crianças vivem a infância. Pergunto-me como posso interferir para que estes pequenos tenham suas infâncias respeitadas e amparadas? Porém em uma das minhas orientações de estágio, surgem alguns questionamentos: Será que estas crianças sabem o que lhes é de direito? As famílias, compreendem seu papel social e político? A escola está trabalhando para garantir e amparar, através das ações cotidianas e políticas públicas o direito de cada uma destas crianças?

Neste cenário de muitos “serás” minha preocupação com a formação humana das crianças é bastante expressiva, busco através deste Trabalho de Conclusão de Curso pontuar as minhas percepções e direcionar o olhar para o que de fato consegui compreender, mas sobretudo, entender como cada criança se constrói dentro destes espaços no qual me mantive inserida, possibilitando um olhar crítico/reflexivo direcionado para educação infantil, uma vez que o contexto escolar na Educação Infantil, aproxima a rotina das crianças e suas famílias à escola.

Para adentrar na discussão sobre conceitos, volto a construção do significado da palavra vulnerabilidade. Segundo Adorno (2001), o termo vulnerabilidade é originário do movimento de Direitos Humanos, na qual este mesmo termo propagou-se na década de 80, tendo origem a partir de uma epidemia de Aids. As características dessa epidemia e a forma avassaladora de como ela atingiu determinados grupos fez com que o termo fosse articulado ao conceito de “fragilidade, riscos e população de risco”, essas palavras foram, pouco a pouco sendo substituídas pelo termo vulnerabilidade.

Para melhor compreender este termo, podemos dizer que o mesmo se refere a um indivíduo exposto a danos físicos ou morais devido à sua fragilidade. Adorno explica:

O termo vulnerabilidade carrega em si a idéia de procurar compreender primeiramente todo um conjunto de elementos que caracterizam as condições de vida e as possibilidades de uma pessoa ou de um grupo – a rede de serviços disponíveis, como escolas e unidades de saúde, os programas de cultura, lazer e de formação profissional, ou seja, as ações do Estado que promovem justiça e cidadania entre eles – e avaliar em que medida essas pessoas têm acesso a tudo isso. Ele representa, portanto, não apenas uma nova forma de expressar um velho problema, mas principalmente uma busca para acabar com velhos preconceitos e permitir a construção de uma nova mentalidade, uma nova maneira de perceber e tratar os grupos sociais e avaliar suas condições de vida, de proteção social e de segurança. É uma busca por mudança no modo de encarar as populações-alvo dos programas sociais (Adorno,2001, p.12).

Nesta perspectiva pode-se compreender que a definição do autor em relação ao conceito de vulnerabilidade pode ser aplicado a uma pessoa ou a um grupo social. As pessoas consideradas vulneráveis são aquelas que, por diversas razões, se encontram em situação de risco ou desfavorável se comparada com outro grupo da mesma sociedade/comunidade.

Através dos estudos de Cutter (1996) relacionados a vulnerabilidade, o termo é entendido como um “potencial à perda”, pois as situações de vulnerabilidade colocam o indivíduo em situações de risco, independente de qual vulnerabilidade ele esteja interligado. No contexto do tema vulnerabilidade outros autores vêm pesquisando a bastante tempo, por exemplo, Vignoli (2001) compreende o termo vulnerabilidade como a falta de acesso às estruturas de oportunidade oferecidas pelo mercado, estado ou sociedade, acentuando à carência de um conjunto de atributos necessários para o aproveitamento efetivo da estrutura de oportunidades existentes.

Considero que seja importante esclarecer que o objetivo do estudo das diferentes situações de vulnerabilidade trata-se dos fatores que influenciam para algumas situações citadas até então, sendo eles, crises políticas, desemprego, baixa renda salarial, fatores geográficos, dentre outros que podemos considerar relevantes.

Dentro do conceito vulnerabilidade é imprescindível destacar o conceito de **Vulnerabilidade Social** que se denomina grupos sociais, na qual, vivem

dentro de um determinado espaço/lugar ou sociedade, considera-se que estes estão excluídos dos benefícios e direitos que todos os indivíduos deveriam possuir em uma mesma sociedade. Oliveira (1995. p.09) aponta que “os grupos sociais vulneráveis poderiam ser definidos como aqueles conjuntos ou subconjuntos da população brasileira situados na linha de pobreza”. Nesta perspectiva em que o autor apresenta sua compreensão é considerável afirmar que a vulnerabilidade social atinge famílias ou até mesmo indivíduos sozinhos, que geralmente moram na mesma comunidade, não tem voz para pedir ajuda ou relatar seus problemas, indivíduos estes, que dependem de terceiros (mais esclarecidos) para conseguirem se expressar e se colocar como cidadão de uma determinada comunidade.

Dentro destes grupos de pessoas/famílias podemos incluir crianças que não sabem expressar suas necessidades, pelo simples fato de não conhecerem os direitos básicos, ou até mesmo não compreenderem que estão em confronto com situações vulneráveis. Petrini (2003) afirma que à medida que a família encontra dificuldades para cumprir satisfatoriamente suas tarefas básicas de socialização e de amparo/serviços aos seus membros, criam-se situações de vulnerabilidade. De acordo com o autor pode-se dizer que a vida familiar para ser efetiva e eficaz depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos.

No mesmo sentido outro conceito de vulnerabilidade a ser abordado trata-se da **Vulnerabilidade Afetiva** caracterizada pela ausência de proteção, segurança, carinho e amor, normalmente por parte dos pais para com os filhos, ou até mesmo familiares próximos, pois são os valores afetivos que unem os seres humanos e acabam por caracterizar partes construtivas do seu mundo, inclusive do seu corpo. A questão da família pobre aparece como a face mais cruel da disparidade econômica e da desigualdade social, pois esse estado de privação de direitos atinge a todos de forma muito profunda, à medida que produz a banalização de sentimentos, dos afetos e dos vínculos, conforme ressalta Gomes e Pereira:

O ser humano é complexo e contraditório, ambivalente em seus sentimentos e condutas, capaz de construir e de destruir. Em condições sociais de escassez, de privação e de falta de perspectivas, as possibilidades de amar, de construir e de

respeitar o outro ficam bastante ameaçadas. Na medida em que a vida à qual está submetido não o trata enquanto homem, suas respostas tendem à rudeza da sua mera defesa da sobrevivência. (Gomes e Pereira, 1994, p.359):

Nesta direção o autor compreende que a vulnerabilidade afetiva está relacionada com a forma como as famílias se estruturam internamente e podemos conceituá-la como algo que é do direito de qualquer indivíduo, no seu meio familiar, sendo assim, as crianças que por motivos de ausência dos seus progenitores tem este vínculo interrompido, ficam prejudicadas, e tal situação, as colocam em situação de vulnerabilidade afetiva. Um rompimento de relações (afetivas), por exemplo, produz experiências psicológicas evidentes em crianças que estão frente a esta relação, bem como, uma perda afetiva ou morte de um ser querido, cuja experiência poderá causar uma serie de sentimentos inexplicáveis e de extrema tristeza para tal indivíduo que compartilha desta situação.

Um terceiro mas não menos importante conceito de Vulnerabilidade trata-se da **Vulnerabilidade Socioeconômica/Financeira** na qual uma determinada sociedade é analisada do ponto de vista da renda, o conceito de vulnerabilidade econômica não se equivale ao conceito de pobreza, portanto, a linha de pobreza é apenas um recurso analítico que permita a identificação de arranjos mais economicamente vulneráveis, uma vez, que um grupo vulnerável economicamente, trata-se de um grupo desprivilegiado de recursos oferecidos aos demais grupos de uma mesma sociedade. Vulnerabilidade Socioeconômica/Financeira, não está rigorosamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas sim atrelada também às fragilidades e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos, uma vez que um determinado grupo se comparado aos demais não dispõe dos mesmos privilégios.

KOWARICK (2002) relaciona a “vulnerabilidade socioeconômica” com o que denomina “vulnerabilidade civil”: segundo ele, os indivíduos estariam vivenciando uma condição de vulnerabilidade diante da condição de não terem alcançado os direitos básicos da cidadania.

Podemos refletir através de uma leitura mais atenta sobre o termo vulnerabilidade Socioeconômica através de Oliveira, que propõe um cuidado na definição do termo:

Mas a definição econômica da vulnerabilidade, ainda que deva ser a base material para o seu mais amplo enquadramento, é insuficiente e incompleta, porque não especifica as condições pelas quais se ingressa no campo dos vulneráveis. E, ao não especificar, repousa a esperança da resolução ou atenuação da vulnerabilidade no econômico, o qual certamente é indispensável, mas não clarifica o processo pelo qual precisamente se constrói esse amplo universal que é a vulnerabilidade. Ao não fazê-lo, subsume a luta contra a vulnerabilidade social, 'verbi gratie' contra a discriminação social, aos mecanismos de mercado, que são precisamente a determinação mais abrangente, o produtor mais amplo da própria discriminação (OLIVEIRA, 1995).

Ressalto que, através das minhas vivências embasadas teoricamente nos autores aqui estudados, pude constatar que as vulnerabilidades não ocorrem de forma isolada, podendo entrelaçar-se entre si, fazendo combinações sobre as diferentes vulnerabilidades apresentadas na vida de cada sujeito. As leituras que realizei em meu "Diário de Mochileira" fizeram com que eu revisitasse meus pensamentos e minhas memórias contribuindo de forma significativa para a compreensão de que as crianças que compartilham os mesmos espaços

Alicerço minhas afirmativas nas diferentes histórias de vida das crianças que estão interligadas por um fio condutor chamado infância. Através desta costura podemos considerar o uso de diferentes materiais para compreender seu desenvolvimento.

Neste sentido trago a expressão "Costurando Infâncias" como forma de ligar e compreender o tensionamento que este fio representa neste contexto. Além disso, através da costura podemos considerar o uso de diferentes materiais que servem para compreender e auxiliar, neste caso que se trata do desenvolvimento das crianças. Eu enquanto pedagoga compreendo que as infâncias vão se costurando umas às outras e juntas criando possibilidades de vive-las das mais diferentes formas, sem deixar de lado o colorido, a alegria, a espontaneidade de ser criança e viver a vida.

## **UM OLHAR DE ESTAGIÁRIA: NARRATIVAS EVIDENCIADAS NO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Dentro da minha prática de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, me apresento em uma tarde chuvosa na escola na qual, irei dar início ao meu processo de estágio. Logo fui apresentada para a professora regente da turma do Pré A, e para a equipe geral da escola, que me convidou para conhecer o espaço físico. Neste momento meu olhar estava atendo a cada detalhe, percebi que a escola era de uma infraestrutura pequena, não haviam grandes espaços no pátio para as crianças brincarem, sequer havia um espaço para os abrigar durante aquele dia chuvoso.

A escola fica situada na zona leste da cidade de Santa Maria, acolhe cerca de aproximadamente 110 crianças desde a pré escola até os Anos Finais do Ensino fundamental, dispõe de uma equipe completa de professores para todas as turmas, inclusive uma educadora especial que acompanha as crianças em uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), a equipe diretiva é composta por uma diretora, uma vice coordenadora e duas orientadoras pedagógicas que atendem em turnos reversos aos da suas turmas. As turmas de alunos variam em suas quantidades de crianças por sala, desde treze alunos até mesmo vinte e três alunos por turma.

Sobre a infraestrutura da escola posso apresentar a “pracinha” como um local interdito para brincar, pois nela haviam apenas dois brinquedos e um estava quebrado, oferecendo risco as crianças. Enquanto percorro os espaços da escola escuto um barulho de água, muito próximo, como se ali houvesse um rio, e não é que havia mesmo? Para meu espanto havia um rio ao lado da escola que naquele dia chuvoso estava com a água próxima ao pátio da escola.

Mas ainda não havia dado fim na minha curiosidade maior, que era conhecer as crianças, então pedi para que a professora nos apresentasse. Jamais vou esquecer daquele momento, entrei na sala de aula, e lá estavam eles me esperando, “os meus pequenos”, uma turma composta por treze crianças das mais diferentes realidades, que com os olhos atentos me perguntavam o que você veio fazer aqui?

Lembro-me daquele momento como se fosse hoje, “pequenos” no tamanho, mas grande no sentido de afetuosos, tanto que meu coração parecia que iria sair pela boca. Um filme passava pela minha cabeça, será que vou

conseguir dar conta de todas aquelas curiosidades, de todos aqueles olhos ansiosos para saber o que eu iria levar? Logo a professora me apresentou para a turma, como a nova professora estagiária, e explicou que eu passaria um tempo com eles e que durante este período eu iria levar algumas atividades bem bacanas, e ali, naquele momento começou o nosso laço, nosso relacionamento que mais adiante iria ser estreitado de forma mais próxima.

Minha intenção dentro daquele espaço, era a melhor possível e com o passar dos dias, as observações e registros realizados por mim, iam tomando um rumo e passam a fazer sentido que até aquele momento não estavam sendo tão significativos. Com base na escrita da autora Ostetto

É com o registro dos fatos, dos atos, dos acontecimentos do dia-a-dia, que aprendemos a ver o grupo em geral e cada criança em particular, compreendendo assim, que lá estão meninos e meninas em busca de um tempo para viverem a infância (OSTETTO, 2008, p. 23).

Refletindo através das palavras da autora fortaleço-me reafirmando meus entendimentos de que os registros se fazem indispensáveis para o processo de amadurecimento do educador e sistematização das práticas, uma vez que, dentre meus registros, trago minha narrativa que considero de suma importância, pois posso visitar minhas inquietações, pertinentes naquele momento, para fazer uma reflexão partindo das realidades.

“-Volto para sala de aula e enquanto as crianças brincam no tatame, eu e a profe Fernanda aproveitamos o momento para conversar. Ela me conta sobre a vida de cada criança, com quem elas moram, a carência econômica de cada criança e suas famílias, tudo que ela pode observar até o momento. Fiquei extasiada com algumas situações, penso que de alguma forma preciso aproveitar todos os momentos enquanto eu estiver ali na escola para oferecer o meu melhor para aquelas crianças. A tarde chega ao fim, as crianças começam a ir embora, algumas acompanhadas dos pais, outras dos irmãos e outras pela vó. Minha reflexão: ”que todo final de tarde possamos retornar para nossas casas com a sensação de dever cumprido, é assim que eu desejo concluir esta etapa.” (Diário de Mochileira<sup>2</sup> - 2018/09/17)

2

---

<sup>2</sup> A partir deste momento de minha escrita irei utilizar o termo Diário de Mochileira para representar minhas escritas, registros e reflexões que realizei durante o período de inserção na escola Cores & amores.

Os registros me possibilitaram retomar o diálogo que tive com a professora, fazendo-me compreender que dentro da mesma turma haviam algumas fragilidades, como crianças que se deparavam com os pais em situação de cárcere privado e residiam com os tios em uma casa com mais de 12 membros, deixando transparecer no dia a dia a ausência afetiva do papel desempenhado pelos pais. Algumas situações de afeto familiar e falta de mantimentos foram sendo evidenciadas por mim e ganhando um destaque maior na minha concepção enquanto pedagoga. A organização das crianças dentro da sala de aula, era um ponto problemático para mim, aos poucos fui me dando conta de que algumas crianças chegavam na escola, com frio, com fome, em determinados momentos demonstravam estar cansadas, e eu confesso que neste primeiro momento a minha reação foi culpabilizar e imputar a responsabilidade diretamente à escola, mais precisamente a professora, quanta inocência da minha parte.

Mas os dias foram passando e a cada novo encontro, outras implicações foram surgindo, algumas famílias foram se apresentando para que eu pudesse conhecer e outras não apareciam na escola, mas claro, nem todas as crianças tinham a mesma estrutura familiar, algumas residiam com os avós e tios, e não tinham a presença dos mesmos dentro do espaço escolar. Eis que após um determinado tempo de convívio com “os pequenos”, senti a necessidade de conhecer a rotina deles, fora do contexto escolar e como os mesmos se organizavam fora daquele espaço.

Em um belo final de tarde, não tão belo assim, eu acompanhei algumas crianças até o caminho de casa, quando falo nem tão belo, é porque o trajeto aos meus olhos, não era tão belo quanto eu imaginava, em meu mundo adulto, mas para eles era algo maravilhoso. No caminho me mostravam suas residências com muita alegria, todavia tudo que eu conseguia ver naquele momento eram estradas de barro, residências improvisadas, lixo, precariedade e algumas crianças brincando na frente de suas casas. Neste momento eu me senti insegura para seguir adiante e minha reação foi recuar, dizendo que eu precisava ir para casa. Na verdade, era apenas um motivo para me afastar e processar o que meus olhos viram naquele local.

Com o decorrer dos dias passei a interagir com as famílias que se faziam presentes, conversávamos sobre assuntos diversos, antes da entrada das



crianças e na saída delas, era a maneira que eu tinha de me comunicar/criar vínculo e conhecer um pouco mais da realidade de cada uma. Até que comecei a compreender que “os pequenos” não desfrutavam daquela infância respeitada, amparada, atendida em suas necessidades básicas de sobrevivência, apresentada nas leituras realizadas durante o Curso e descritas nas políticas públicas. Esse processo de reconhecimento foi como um choque de realidade. Perguntava-me: como não percebi estas coisas antes? O comportamento individual e no grupo; a organização das crianças na sala; o modo como elas se colocavam com o que era dito como “novo”; o (des)cuidado com o material que era levado por mim para que pudessem explorar; a fome evidenciada logo no início da tarde. Todas essas vivências passaram a fazer sentido, neste momento compreendo que preciso trabalhar com as demandas externas à sala de aula.

É sempre difícil desconstruir e (re)construir o olhar enquanto docente, uma vez que, ao longo da graduação não somos preparados para os enfrentamentos com a realidade escolar de uma escola pública desprivilegiada de recursos que contemplem diferentes especificidades. Os contextos de vulnerabilidade estão sempre imersos em situações de extremas dificuldades, resultando em “nevoas” que por vezes criam confusões deixando nossa visão embasada e nossa compreensão das situações prejudicadas, nesse contexto tenho tentado elaborar e sistematizar o que foi vivenciado dentro de tal espaço. Neste tempo precisei me reorganizar, me reinventar para compreender os equívocos por mim cometidos até tal momento. Custei a dar-me conta de que existiam ali diferentes formas de viver a infância e, que nem todas eram contempladas e favorecidas da mesma forma, visto que, algumas crianças encontravam-se em situações de vulnerabilidade social, afetiva e econômica,

A partir das leituras e reflexões que realizei no decorrer do Curso e aprofundei durante o período de estágio, criei uma expressão que aproxima e traz significação a um tipo de vulnerabilidade que é peculiar aquelas infâncias que compartilhei aquele tempo e espaço. Na qual denomino como: “Vulnerabilidade invisível”, significo esta expressão como aquela situação que está diante dos olhos de quem a cerca, mas que por muitas vezes passa despercebida dentro do contexto escolar. A pior das vulnerabilidades no meu ponto de vista, pois o indivíduo que nela se constitui costuma mostrar todas as suas fragilidades, e ainda assim a procura por parte do pedagogo ainda é outra,

baseada na rotina pedagógica e na sala de aula. A situação de vulnerabilidade invisível é para mim, caracterizada como: o extremo entre a sala de aula e a vida cotidiana da criança, é preciso estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professores, afim de que tais aspectos sejam percebidos e assim contemplados.

É importante compreender que a escola precisa estar comprometida e implicada as demandas de vida das crianças e é de suma importância que a mesma ocupe seu papel dentro da comunidade, forçando o enfraquecimento da vulnerabilidade invisível e confrontando situações cotidianas com o contexto da sala de aula. Partindo destas perspectivas, minha situação problema se dá na seguinte implicação: “Quais as estratégias que eu enquanto docente encontro dentro do espaço de atuação na Educação Infantil para acolher os diferentes contextos de infância?” Proponho neste sentido, uma problematização/reflexão que de visibilidade aos diferentes contextos de infância dentro do espaço escolar.

Partindo destas perspectivas meu Estágio Supervisionado em Educação Infantil, foi um período de grande aprendizado e consolidação de estudos desenvolvidos no decorrer do Curso de pedagogia. Sendo assim, busquei neste período em que me mantive inserida na escola dialogar com os docentes, com a coordenação e demais funcionários para assim compreender de uma forma concreta/real de quem são os indivíduos que transitam neste campo.

Entre um diálogo e outro entendi que os sujeitos/profissionais que ali trabalham não são pertencentes da comunidade onde a escola está inserida. Logo me dei conta da necessidade de ir além, e busquei um diálogo mais próximo da comunidade, com pais alunos das demais turmas, irmãos mais velhos que vinham buscar os pequenos.

Enfim, aos poucos fui me inserindo em uma comunidade que até então era desconhecida, pensei de imediato que haviam algumas surpresas e afirmo que sim, haviam muitas coisas a serem olhadas aquele espaço, porém o que mais me chamava atenção em um determinado momento foi a forma como as crianças se viam em relação ao meio onde vivem, e a forma que viam a escola.

Durante este período vivi uma avalanche de coisas, um misto de sentimentos, uma mistura de tristezas devido algumas situações que meus olhos estavam vendo. Era difícil para mim ver a falta de suprimentos para as crianças

e ficar de mãos amarradas, isso me fazia pensar que estava sendo conivente com uma situação de vulnerabilidade que é imposta por uma sociedade capitalista, individualista e corrupta que é incapaz de dar conta das necessidades básicas de cada indivíduo.

Me coloco no lugar de cada uma das crianças, ainda que, eu não tenha vivido as mesmas experiências que estes pequenos vivem, penso que, de onde eu estava observando e acompanhando o dia a dia de cada uma delas foi possível que algumas situações me tocassem, me comovessem e me causassem algumas inquietações, como a falta de suprimentos básicos para alimentação, falta de higiene e até mesmo a fragilidade emocional.

Aquele foi um tempo de tristezas e alegrias, não era possível sentir o que cada uma sentia, afinal de contas eu era uma estranha em um lugar ainda em descoberta. Contudo, já não conseguia fazer um lanche na sala ao lado durante o intervalo, sabendo que a alimentação que a escola podia oferecer não estava dando conta das necessidades das crianças, entre um registro e outro feito em meu Diário de Mochileira, me vem em memória a seguinte lembrança:

-Pedro, cadê o teu tênis? Vai gelar teu pé!

-A profe pediu para eu tirar, tinha barro! Respondeu.

Me ofereci para limpar, mas segundo a professora Ligia, era melhor deixar assim, já que é de costume as crianças chegarem assim nos dias de chuva.

- Profe Vanessa deixa ele sem calçado, eu estou muito triste que ele sujou toda a sala. Ressaltou a professora. (Diário de Mochileira<sup>2</sup> - 2018/09/12)



As minhas demandas iam surgindo dentro da sala de aula, meu olhar dizia que precisa ir mais longe, porém, ao pensar na situação citada acima me causava e ainda causa estranhamento e um extremo desconforto. Incomodada por essas situações, acabo me posicionando na escola, quanto aos horários de merenda e a forma como ela é distribuída, uma luta diária para dar conta de uma

necessidade básica: alimentação. Não foi uma etapa vencida, apenas uma barreira superada, quando trago a fala da diretora, dizendo que: “- Não temos como aumentar a quantidade do lanche pois a verba que vem para escola é bastante restrita, quanto ao horário podemos adiantar alguns minutos.” (Diário de Mochileira - 2018/09/17).

É com base nestas memórias que tenho cotidianamente visitado meus pensamentos e considero importante que estejamos conscientes de que estamos falando de realidades de escolas em áreas socioeconômicas desfavorecidas, isso faz com que o compromisso com o desenvolvimento de cada sujeito pertencente a tal espaço educativo seja ainda maior. O que faz com que o pedagogo deva ter uma capacidade ainda maior de resiliência.

## **REFLEXÕES ACERCA DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS ENQUANTO DOCENTES PARA CONTEMPLAR OS DIFERENTES MUNDOS DAS CRIANÇAS**

Como eu havia pensado, não se vence uma batalha sem entrar na luta, usei todos os recursos e estratégias que pude para dar conta das minhas primeiras demandas e costurá-las à minha prática pedagógica, assim foram longos dias vivendo dentro de uma vulnerabilidade invisível, o que para algumas pessoas era algo imperceptível para mim era algo muito apavorante. A partir das minhas inquietações e provocações de minha orientadora surgiu a questão: O que mais importa em toda essa questão é: Como as crianças estão se vendo diante destas situações? Como elas estão transitando em seus espaços?

Percebi ao longo da minha pesquisa que os estudos garantem a centralidade da criança como sujeito de direitos e buscam compreendê-la na sua inteireza de pensamento, movimento ação e emoção e especialmente que reconheçam suas formas de ver e representar o mundo, assim como seu modo de viver e se reconhecer em sociedade. Desta forma tive que encontrar meios de coletar dados e observar as crianças em seus espaços.

Foi então que eu me inseri na comunidade, passei a frequentar alguns lugares que as famílias frequentavam, momentos de descontração e lazer. Em meio ao que eu considerava um caos percebi que as crianças se reconhecem

como pertencentes àquele espaço, que recriam possibilidades de viver em meio aquilo que eu via como caos, percebi que o melhor lugar para brincar, era a rua.

-A tarde chega ao fim, as crianças começam a ir embora, algumas acompanhadas dos pais, outras dos irmãos e outras pela vó.

Fica minha reflexão: "que todo final de tarde possamos retornar para nossas casas com a sensação de dever cumprido, é assim que eu desejo concluir esta etapa. " (Diário de Mochileira<sup>2</sup> - 2018/09/12)



Faço uma reflexão sobre o que observei durante minhas inserções na comunidade, trago as palavras de Dubet (2004) sobre o que é uma escola justa:

A definição do que seria uma escola justa é das mais complexas, ou mesmo das mais ambíguas, pois podemos definir justiça de diferentes maneiras. Por exemplo, a escola justa deve:

- Ser puramente meritocrática, com uma competição escolar justa entre os alunos social e individualmente desiguais?
- Compensar as desigualdades sociais, dando mais aos quem têm menos, rompendo assim com o que seria uma rígida igualdade?
- Garantir a todos os alunos o que seria um mínimo de conhecimentos e competências? – Preocupar-se principalmente com a integração de todos os alunos na sociedade e com a utilidade de sua formação? – Tentar fazer com que as desigualdades escolares não tenham demasiadas consequências sobre as desigualdades sociais?
- Permitir que cada um desenvolva seus talentos específicos, independentemente de seu desempenho escolar? (DUBET, 2004, p.540)

De acordo com os questionamentos do autor, compreendo que definir o que seria uma escola justa leva a contradições, pois é necessário pensar em uma escola democrática onde as conquistas não sejam apenas em função do mérito de cada um, mas também baseada na igualdade de condições e acesso dentro da escola, onde todos tenham oportunidades e possibilidades.

Enquanto pedagoga, me permiti, neste momento, conhecer a realidade dos meus alunos. Penso que é do meu compromisso usar estratégias baseadas nas vivências de cada criança, mas sobretudo nas realidades e necessidades de cada sujeito. Desta forma levo em consideração os saberes sociais que cada aluno traz, saberes que foram construídos através das práticas comunitárias.

Lembro-me do dia que uma das crianças cantarolou uma música na sala de aula. A mesma música que tocou por diversas vezes em um “pagode comunitário” realizado no bairro em um entardecer de domingo, na qual eu me fiz presente. Foi um dos motivos que me levou a conversar sobre os diferentes tipos de música e o que as crianças costumavam ouvir. Penso que respeitar o gosto, a cultura, os tempos, espaço e, a partir do que as crianças trazem, me permite explorar, enquanto pedagoga, um universo variado e diversificar a minha prática pedagógica em sala de aula, assumindo um compromisso de costurar as teorias abordadas durante o Curso de Pedagogia com a prática do Estágio de Educação Infantil.

FREIRE (1996) diz, “Me movo como educador, porque, primeiramente me movo como gente. ” Assim foi a minha prática, pensada nos sujeitos como pessoas. Minhas estratégias durante todo o tempo em que me mantive em sala de aula foi baseada na escuta, no diálogo e no afeto. Foi um período de: “Vamos comer antes de iniciarmos nossa tarde” (Diário de Mochileira-2018/10/10), pois compreendi naquele momento que havia uma necessidade de alimentar as crianças antes de qualquer outra proposta e, assim, passei todos os dias a levar o lanche inicial, criando dentro do espaço “sala de aula” uma possibilidade de suprir uma necessidade básica para posteriormente termos uma tarde ainda mais divertida. Concordando com Freire: “Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. (FREIRE, 1996).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como foco as minhas vivências agregadas as minhas inquietações durante o período de Estágio na Educação Infantil. Na primeira parte vimos a minha trajetória para chegar até o tema principal, trazendo relatos dos caminhos percorridos até me deparar com o local na qual propus realizar meu estágio. Na segunda parte fiz considerações a respeito do conceito de vulnerabilidades, as quais acredito que as crianças enfrentam neste ambiente em que estive inserida durante o período de Estágio na Educação Infantil.

Ainda, trago em minhas memórias e inquietações relatos sobre as vivências das crianças e como elas se movem e se colocam diante do meio onde vivem. Foi então que percebi que os pequenos, diferente dos adultos, se constroem e se permitem dar vida com o pouco que lhes é oferecido.

Compreendi durante a vivência como regente no período de Estágio supervisionado na Educação Infantil que há necessidade de os educadores utilizarem as mais diferentes estratégias para contemplarem os diferentes contextos de infâncias. Sendo assim, defendo uma proposta pedagógica que venha contemplar os diferentes mundos das crianças, costurando de forma prazerosa as infâncias e possibilitando com olhar sensível a elaboração de estratégias que dêem conta das necessidades, ainda que as mesmas sejam demandas externas. Para isso acredito que são necessárias mudanças no modo de lidar com as crianças, permitindo que possamos acolhê-los não apenas como alunos, mas como seres que estão em pleno desenvolvimento, que chegam até a escola com uma leitura de vida.

Finalizo meu trabalho acreditando que a escola, em especial o pedagogo, pode ser um agente de transformação do cenário em que cada criança se encontra, voltando os olhares para a realidade do aluno, fomentando essa mudança em cada um de seus educandos com práticas educativas que possibilitem uma reflexão acerca da própria condição e das possibilidades de transformação a partir de si próprio.

Portanto, é fundamental que todos compreendam e se comprometam com o processo como agentes de transformação destas muitas realidades, dentro e fora da escola. Desta maneira nosso compromisso enquanto pedagogo é ser a

ponte nesse processo, direcionando os olhares e mostrando novas possibilidades.

Finalmente, espero que as reflexões aqui compartilhadas possam servir de subsídios para a elaboração de novas estratégias pedagógicas, visto que esta pesquisa não esgota as possibilidades de reflexão acerca do difícil mundo das crianças em situações de vulnerabilidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ADORNO, Theodor. **Resiliência e vulnerabilidade social: Uma perspectiva para educação sociocomunitária da adolescência**. Petrópolis, Vozes. RJ, 2001.

CUTTER, S. L. **Progress in human Geography**. Londres. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, M. A., & Pereira, M. L. D. (2005). **Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(2), 357-363, abr.-jun. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a13v10n2.pdf>. Acesso em 19 de setembro de 2015.

OLIVEIRA, Francisco de. **Vulnerabilidade social e carência de direitos**. Cadernos ABONG, 1995.

OSTETTO, L. E. **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2008.

PETRINI, J. C. **Pós modernidade e família**. Belo horizonte. Edusp. MG, 2003.



VIGNOLI, J.R. **Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes.** Santiago de Chile: CEPAL, 2001.